



TOTALIDADE, ESTADO-NAÇÃO, FORMAÇÃO SOCIAL, TERRITÓRIO COMO CATEGORIAS FUNDAMENTAIS DA GEOGRAFIA CRÍTICA E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO

João Phelipe Santiago ¹

RESUMO

Este trabalho busca explicitar a aplicabilidade das noções Totalidade, Estado-nação, Formação Espacial, Território como categorias fundamentais da Geografia Crítica em nexos a certas contexturas do pensamento geográfico, cuja base de análise mais ampla faz liame a história do pensamento social e geográfico brasileiro. Nesse sentido, a construção do esboço de contextualização destas categorias e noções, ora aqui apresentadas, possui vários momentos ligados aos estudos e pesquisas como discente, e na atuação como docente no ensino de geografia em salas de aula e aulas de campo; cujas reflexões mais específicas relacionam-se como práxis de transformação no cotidiano, e rebatimentos nas exemplificações nas aulas ministradas ilustradas nas analogias com a conjuntura atual e a dialética social permanentemente engendrada no cotidiano. E também, no aprofundamento que tais noções/categorias/conceitos tem servido como método que referencio à (SANTOS, 1978, 1985, 1996, 2005); e que tem servido de fundamentação ontológica e epistemológica na minha produção científica (SANTIAGO 1993, 2005, 2013, 2014 2016); e nas orientações de trabalhos e pesquisas da graduação e da pós-graduação: CARDOSO, 2018; FIGUEIREDO, 2020). Dessa forma servindo de estrutura explicativa objetiva dos conteúdos de várias temáticas das disciplinas ligadas à geografia do Brasil enquanto uma grande área híbrida²; pois engloba a parte de disciplinas mais ligadas a área física e ambiental; e as disciplinas mais ligadas a área humana e regional.

Palavras-chave: Totalidade, Estado-nação, Formação Espacial, Território, Espaço Geográfico.

ABSTRACT

This work seeks to explain the applicability of the notions Totality, Nation-State, Space Formation, Territory as fundamental categories of Critical Geography in connection with certain contexts of geographic thought, whose broader base of analysis links the history of Brazilian social and geographic thought. In this sense, the construction of the contextualization outline of these categories and notions, presented here, has several moments linked to studies and researches as a student, and in acting as a teacher in the teaching of geography in classrooms and field classes; whose more specific reflections are related to the praxis of transformation in daily life, and repercussions in the examples given in the classes given, illustrated in analogies with the current situation and the social dialectic permanently engendered in daily life. And also, in the deepening that such notions/categories/concepts have served as a method that I refer

¹ Doutorado em Geografia (USP), Pós Doutorado em Planejamento Regional e Desenvolvimento Social (UCSAL), Professor Titular do Departamento de Geografia e do Mestrado em Geografia PPGeo (UESB), Líder do Grupo de Pesquisa ANTHROPOS – CNPq. joao.santiago@uesb.edu.br

² Ver M. Santos (1996), onde explana sobre o espaço geográfico como um “híbrido” e outros nexos que envolvem as correlações com a categoria Espaço e Paisagem.



to (SANTOS, 1978, 1985, 1996, 2005); and that has served as an ontological and epistemological foundation in my scientific production (SANTIAGO 2005, 2013, 2014 2016); and in the guidelines for undergraduate and graduate work and research: CARDOSO, 2018; FIGUEIREDO, 2020). In this way, serving as an objective explanatory structure of the contents of various themes in the disciplines linked to the geography of Brazil as a large hybrid area; as it encompasses the part of disciplines more linked to the physical and environmental area; and the disciplines more linked to the human and regional area.

Keywords: Totality, Nation-State, Space Formation, Territory, Geographical Space

INTRODUÇÃO: a formação (econômico-social)/espacial como materialização do modo de ser social

As categorias que intitulam a temática aqui apresentada devem ser compreendidas como momentos da análise dialética social e histórica; constituem uma unidade de um sistema lógico interdependente, interconexo, “são categorias imbricadas” (SANTOS, 1978, p. 170-77); logo estão associadas as noções de processo (tempo), estrutura, sistema, escala e função; noções que devido à natureza limitada do artigo não iremos aprofundar. Nesse bojo, a categoria mais concreta é a formação social, pois ela tem a ver com o nexos entre o modo de produção e o modo de vida materializado nas relações sociais de produção do espaço e os modos de vida ligados ao trabalho social, engendrados no cotidiano dos lugares e regiões, países, Estados-nações. Na base dessa teorização o Espaço tem a ver com o conceber a totalidade como a natureza social (Marx) como resultado do processo histórico-geográfico e dialético, de transformação da natureza pelo trabalho social, em uma segunda natureza ou espaço geográfico. Essas relações sociais que transformam permanentemente a natureza em geografia, através da divisão do trabalho e dos procedimentos feitos com os instrumentos do trabalho; criam redes que estruturam um determinado modo de produção. Que por sua vez, é composta socialmente pela totalidade dos atores em suas múltiplas relações em todas as situações geográficas; que se organizam em função da logística das redes de circulação e comunicação. A “análise ou o estudo que não leva em consideração *todas* essas categorias e *todas ao mesmo tempo* [como um princípio de inseparabilidade (GUERRA e CUNHA, 2001, p.19-31), não poderá abraçar a realidade total” (SANTOS, p. 176).

Dessa forma partimos de um princípio ontológico, base de compreensão da realidade e da produção do espaço, como emanado do ser social. Pois, o presente é resultado do trabalho humano acumulado, o trabalho como “substância social” (MARX, 1979, p.45). “Uma coisa pode ser valor de uso, sem ser valor” (...) “o ar, a terra virgem, seus pastos naturais, a madeira



que cresce espontânea na selva etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano, sem ser mercadoria”. Engenhar um produto para satisfazer a “própria necessidade gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-lo para os outros, dá origem a valor-de-uso social” (p. 47-48); como compra e consumo. Embora uma mercadoria ou fruto da natureza possa ser oferecido voluntariamente, solidariamente a alguém.

Portanto o trabalho gerador de valor de uso (trabalho útil), necessário a existência humana, qualquer que seja a formação social, não pode existir sem a relação material do ser (humano) social e a natureza. As “mercadorias são conjunções de dois fatores, matéria fornecida pela natureza e trabalho” social (p.50). Nesse sentido o espaço geográfico pode ser compreendido em seu postulado ontológico, como um constructo decorrente do trabalho social. Logo, o presente também pode ser entendido como resultado do tempo social de trabalho acumulado; o espaço produzido como tempo acumulado. Ou seja, o espaço geográfico é o tempo acumulado não concluído; e em permanente transformação no sentido do devir; “é o princípio da dialética do espaço” em permanente movimento na história da luta de classes. Visto estar permanentemente se transformado em algo novo a partir das determinações e possibilidades dadas. A realidade como uma totalidade viva e complexa em permanente transformação. O passado e presente são compreendidos como causalidade e contradição; mas o futuro embora numa determinada escala menor contenha as tendências do presente em movimento, engendra sempre algo novo, que eclode como fator surpresa, como indeterminado a depender da escala de tratamento da análise; e da complexidade das variáveis articuladas.

A importância e relevância temática paralela a finalidade, revela-se na aplicabilidade das noções/categorias intituladas como fundamentais da Geografia Crítica em nexos a certas contexturas do pensamento geográfico. Que decorre da compreensão da evolução temática e epistemológica, derivada da história difusa de certas trajetórias do pensamento social e geográfico brasileiro, tomadas por base para refletirmos sobre a totalidade que nos abarca.

Nesse sentido, este trabalho é decorrente dos vários momentos ligados aos estudos e pesquisas como professor, servidor público e como cidadão que busca se integral e pleno; procurando exercitar nas contextualizações e paralelos aqui apresentados relacionam-se como práxis de superação no cotidiano e no trabalho acadêmico intelectual, que busca apreender a dialética social permanentemente engendrada na realidade do cotidiano; atuando como sujeito cognoscente numa práxis alicerçada no pensamento crítico que tem na ação social como educador e formador de opinião, um elemento de transformação da realidade imersa em conflitos e contradições.



Esse processo contraditório gerador das formações sociais e econômicas, as quais possuem relações com todo o mundo, refere-se à diversidade das regiões que se diferenciam pelas formas de uso social, cultural, político e econômico do território, segundo as atividades que se materializam através das relações sociais de produção e de vida, pertencente aos setores da economia.

Atento a isso, buscamos intercambiar essas noções como complementares umas às outras, seja como parte de uma concepção mais abrangente de espaço geográfico, compreendendo a ciência geográfica como um processo dialético e analítico que abrange e que concebe o planeta Terra com unidade inter-relacionada, indissociável; segundo as diversas escalas e classificações de tratamento: global, continental, nacional, regional, local. Ao mesmo tempo essas categorias também podem ser concebidas como fatores, e até mesmo elementos do espaço, concebendo a análise da totalidade, podendo ser subdividida em diversos tempos, estruturas, formas, partes.

Concebendo o espaço como dialético e estrutural, M. Santos desenvolveu vários estudos conexos sobre a categoria formação socioeconômica, a qual modificou propondo a categoria “sócio espacial”, visto o território ter um papel muito especial na compreensão do que é uma nação. A formação sócio econômica tem relações com todo mundo, e com a categoria de Estado-nação. “Um Estado-Nação é uma Formação Sócio-Econômica. Um Estado-Nação é uma totalidade. Assim, a unidade geográfica ou espacial de estudo é o Estado-Nação. A ‘região’ não têm existência autônoma, [não é sujeito] ela não é mais que uma abstração [uma regionalização] tomada separadamente do espaço nacional considerado como um todo” (SANTOS, 2005, p.43).

Daí porque o mercado internacional, conseqüente a história mundial, que conecta as redes geográficas comerciais aos diversos países (Estados-nações), é um exemplo importante para entender a produção do que chamamos “o Brasil”, bem como para entender qualquer país (história nacional) que tenha uma formação social dependente. O que tem a ver com a teorização sobre o desenvolvimento desigual e combinado, e como ao longo da formação territorial de cada país em especial os que possuem uma posição subordinada aos países centrais; é resultado de como a extração e apropriação de mais-valia também se dá em escala global, criando diferentemente as regiões e paisagens.

Nesse sentido, a importância da luta como brasileiro integral, e como cidadão pleno; pois os níveis de qualidade da vida e da dignidade estão amalgamados na qualidade da evolução territorial e seus efeitos sobre o ser cidadão, digamos assim. Portanto, independentemente de nossas origens étnicas, há uma luta fundamental pela construção de uma “consciência



nacional”, numa dimensão mais profunda e abrangente, e, portanto, não se trata de choramingar por um dia em louvor a “consciência negra” (SANTOS, 1995). A dignidade/cidadania plena é mais importante que o consumismo, não devendo ser subordinada.

Dialética da sociedade: totalidade, formação espacial / territorialidades, Estado-nação

A construção do conhecimento sobre o território e o entendimento do espaço/território como uma totalidade viva e complexa (SANTOS: 1977, 1978, 1985, 1996, 2005; SANTIAGO: 1993, 2004, 2005, 2018, 2019, 2021), deriva da compreensão da Geografia Humana como história territorial (MORAES, 2005) da humanidade, e sua difusão, multiplicação, miscigenação, interações diversas através de múltiplas relações sociais, que engendraram os inúmeros povos e culturas e Estados-nações; bem como, seus diversos modos de ser no cotidiano de suas vidas, e as consequentes configurações espaciais organizadas diferentemente pelas diversas regiões e lugares no mundo (redes de cidades e sistemas agroindustriais, a dialética campo-cidade em sua inteireza múltipla e complexa; as rede de circulação e comunicação conexa aos setores básicos da economia: primário, secundário, terciário e quaternário interligados em sua totalidade.

Entre outros nexos e categorias relacionadas ao meio Técnico-Científico-Informacional; e que mais amplamente chamou de “geografia das redes” (SANTOS, 1996, p. 208-222); entendemos o espaço geográfico como uma extensão humana produzindo multiplicidades de territorialidades. Na medida que avança a contemporaneidade das inovações surgem multiplicidades de novos usos e valores do espaço. Novas funcionalidades / territorialidades; um caráter / modo de ser funcional que pode ser concebida dentro do movimento dialético de reprodução social.

Paralelamente, num sentido mais amplo, ao consideramos a expansão do horizonte geográfico para além da superfície terrestre; o que concebemos como “*horizonte transplanetário*” (g.n.) (SANTIAGO, 1994); compreendemos que isso só foi possível devido o desenvolvimento da ciência e da tecnologia; sem o que a força de gravidade não poderia ter sido rompida na escala planetária do sistema solar. Portanto, as categorias de totalidade, Formação espacial, Estado-nação formam um composto lógico e dialético, capaz de aplicação no entendimento da correlação entre os lugares as regiões nacionais através de suas redes e o sistema mundo. E como o horizonte geográfico terrestre foi superado e estendido ao espaço cósmico. Mas continuando ontológico.

É importante destacar a noção de “conhecimento como recurso” (SANTOS, 1996; p. 192-194) ligadas as possibilidades técnicas, de procedimento, organizacionais, de multiplicação



de softwares, de inovações múltiplas, da grande rede difusa de educação, ensino, ciências, tecnologias e logísticas, abarcando desde as creches locais de bairros pobres e o vizinho que tenta ser um novo empreendedor como Uber, mas que corre o risco de ficar inadimplente, visto o preço da gasolina está muito alto, pondo em risco o resto do pagamento das promissórias do financiamento de seu carro; até megaempresas transnacionais como a Microsoft, Apple, Amazon, Google.

Andrade (1995, p.19-20) indica a importância dos estudos de localização, centralidade e polarização, para entender como as “empresas motrizes, controlando instalações e explorando nas áreas mais diversas do globo, eram, muitas vezes, mais importantes que as nações e os próprios estados. Este fato é hoje comprovado com o processo de globalização da economia que faz diminuir a importância das fronteiras políticas e a soberania dos estados.”. Além do que o ciberespaço engendrou possibilidades múltiplas e complexas de utilização do espaço, das imagens e linguagens criando uma rede permanente e atemporal, dando instantaneidade e a sensação de onipresença, penetrando em todos os recônditos da vida que se reproduz principalmente no urbano, tornando as relações e espaços possíveis fluidos em meio um turbilhão crescente de informações na grande maioria das vezes que transpassam e se retém acriticamente na mentalidade comportamental das pessoas em todas as idades. O ciberespaço criou territorialidades nunca antes concebidas.

O Ciberespaço, novas territorialidades, consciência nacional

Contudo objetivamente, o que se vem chamando de pós modernidade, pós anos 70 do século XX, é consequente da difusão no cotidiano do desenvolvimento criativo e tecnológico no período que atravessa a segunda guerra. Nos anos 50 e 60, por exemplo, houve uma proliferação de almanaques de utilidades domésticas e surgimento um novo marketing de consumo, que conquistará o modo de vida das famílias norte americanas e tornará os EUA o país mais atrativo do mundo, a realização do sonho americano e paralelamente engendramento da guerra fria devido também a URSS eclodir como potência mundial concorrente. O que Santos chamará no último quartel do século XX, de “período técnico científico”, distinguindo-se dos demais períodos anteriores pela acentuada interação e inseparabilidade da ciência-técnica; “tecnociência” como uma nova categoria globalizadora. Ademais (R. RICHTA, 1968) desenvolve a projeção de que o desenvolvimento das forças produtivas nessa época já daria para alimentar e libertar toda a humanidade várias vezes em relação a população absoluta. Dessa forma a “revolução científico-técnica”, vai liberando o ser humano do trabalho físico e, a



ciência-técnica passa a ser a principal força produtiva; fazendo com que se abram múltiplas janelas que possam ser dedicadas a ciência, a cultura ao lazer; potencializando a realização da cidadania plena. Isso fará com que na totalidade das transformações, a aceleração da aplicação da ciência no modo de vida cotidiano, gerem proporcionalmente aumento crescente da autonomia, e o fator social passe paulatinamente a se tornar independente dos países e sistemas; necessitando de uma certa gestão de manutenção que não crie monopólio de controle das redes.

As fotografias por satélite (...) permitindo apreciar, de modo ritmado, a evolução das situações e, em muitos casos, até mesmo imaginar a sucessão dos eventos em períodos futuros. [Google Earth veio a ser um clímax, e continua sendo]. Os radares meteorológicos, cada vez mais poderosos e precisos (...) permitem que as previsões se realizem com intervalos ainda menores. Cientistas puros e aplicados valem-se desses instrumentos de acompanhamento e previsão para aperfeiçoar o conhecimento das leis da natureza física, antever o respectivo comportamento e, de posse dessas preciosas informações, alcançar uma implementação consequente das atividades económicas e sociais. As áreas em que tal instrumentação é disponível podem permitir aos seus usuários um maior grau de certeza e sucesso na realização de operações, sabido que, em muitos casos, na agricultura e na indústria, certas etapas do processo produtivo alcançam maior rentabilidade, quando empreendidas em condições meteorológicas favoráveis. A preparação das terras, a sementeira ou o plantio, a utilização de adubos ou de fungicidas podem ter mais ou menos eficácia segundo as condições de tempo em que são feitas. Tudo isso tende a favorecer os empresários, uma vez que tenham prévio conhecimento das condições meteorológicas em que cada fração do trabalho e cada fração de capital serão utilizadas (SANTOS, 1996, p.193).

Nessa perspectiva, é muito importante no período atual, no caso da pandemia, o aumento da complexidade das relações sociais reproduzidas no território multifacetado, e que o frenesi circulatório e comunicativo da superpopulação urbana vem intensificando o que ele chamou de “novo fundamentalismo” (Santos, 1995), como sendo aumento do consumismo em detrimento da consolidação do que concebemos como cidadania plena (Santiago, 2021). Então, não se trata das inúmeras funções de uso que o território promova através da reprodução do modo de vida material, mas do ganho de qualidade que possamos ter como cidadãos integrais.

Sofremos nesse período (2015-2021) como o aumento da velocidade e o encurtamento do tempo em função das distâncias³, e efemeridade da multiplicidade das relações sociais, um aumento da compressão e luta pelo espaço, uma deterioração da renda, corrosão devido ao aumento da inflação vertiginosa conexas ao aumento dos juros e impostos imputados violentamente na dimensão da precariedade do trabalho, e decréscimo do valor proporcional da hora de trabalho na paridade do valor do dólar (principalmente no Brasil sob a égide de um

³ Gostaria de lembrar que o sentido e significado desse assunto tem paralelo e analogia com a discussão que La Blache fez e cartografou, sobre o desenvolvimento das ferrovias, comparando a relação entre distância e velocidade, em relação a Paris e a França. Compressão do espaço em função do tempo/velocidade; cf. La Blache (1954 [1921], p. 324).



governo neofascista, submisso ao hiper neoliberalismo econômico). Haja visto que o trabalhador em geral precisa cada vez mais se acordar mais cedo e chegar mais tarde em casa; e também nas metrópoles, grandes cidades e até cidades médias, a expansão urbana crescente para as periferias, revelam devido ao não crescimento proporcional das redes de circulação dos transportes, um contratempo e gasto de transporte a mais devido ao congestionamento, fenômeno que não se estende só aos países subdesenvolvidos. Com isso se multiplicam sintomas diversos de esgotamento mental e físico, já sendo alertados desde a eclosão das grandes cidades mundiais como Paris e Londres⁴ desde o século XIX. Bem como nas megalópoles do século XXI.

Contudo, para chegarmos a uma consciência nacional como ganho de qualidade, que nos faça refletir e mudar de atitude sobre nós mesmos, cremos ser necessário desenvolver uma consciência crítica sobre a totalidade viva e complexa que nos determina e que: possui as possibilidades potencias de transformação e surgimento de surpresas, que, por conseguinte retroalimentamos com nossos comportamentos, e nossa práxis cotidiana seja reificada ou crítica. Assim concebi a ideia de pedagogia da complexidade (SANTIAGO, 2021).

Para se entender a importância das ações em nosso cotidiano e o valor da situação geográfica de um determinado lugar, devemos pensar sempre que não estamos sozinhos; a questão da alteridade. E, como são muitos elementos e fatores a serem considerados para o entendimento da complexidade onde estamos inseridos; é necessário apelar para uma visão/consciência que der conta desta totalidade viva e complexa, na qual temos que interagir uns com os outros. Nesse sentido é necessário desenvolver uma pedagogia da complexidade. Em outras palavras, desde a antiguidade os pensadores, governos, políticos, professores, médicos, juristas, e demais profissionais e cidadãos têm buscado dar conta de um saber que possa melhor sintetizar e dar novas alternativas de liberdade e libertação da precarização, frente a dinâmica circulatória e comunicativa permanente da realidade. Assim, a interdisciplinaridade é sempre necessária para o avanço da compreensão de nosso comportamento sobre o universo e de como uma vez modificado, torna a interferir decisivamente sobre nosso comportamento. Daí a necessidade cada vez mais de aprofundarmos um método extensivo e prospectivo, para

⁴ Marx se referiu ao aspecto taciturno das pessoas circulando nas ruas de Londres aos meados do século XIX. Nas primeiras décadas do século XIX, o aspecto da compressão do tempo e da multifuncionalidade das habilidades como uma característica necessária para absorção do capitalismo em sua nova fase de apropriação da *mais-valia* (g.n.), observado e analisado, em face da aceleração da velocidade e deterioração do modo de vida (estafas, sonolências, depressão, irritabilidade, stress, coisificação, novas formas de alienação e exploração do trabalho); ver, HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.



dar conta desta totalidade viva e complexa, que também chamamos de geografia da complexidade (SANTIAGO, 2021).

Metodologia e Método, Resultados obtidos e discussão para entendimento do colonialismo e neocolonialismo como precarização do trabalho e exclusão social; por uma geografia das redes globalmente ... para não concluir

O método em suas nuances, tem sentido e significado decorrente da compreensão das categorias temáticas deste trabalho como consequentes a minha formação intelectual e como trabalhador da educação. Assim, as categorias puderam ser operacionalizadas no equacionamento e discussão das problemáticas sociais econômica, políticas e culturais como frutos do engendramento da vida como docente e da práxis de lutas sociais cotidianas no cenário que abarca o fim da ditadura militar, onde situamos o início de minha prática acadêmica de 1979 a 1986 como professor inicialmente atuante em Recife desde o bacharelado e o mestrando em Geografia pela UFPE na fase de minha etapa primeira, como trabalhador da educação e do ensino fundamental e médio, e também na experiência conjunta na Faculdade de Formações de Professores da Mata Sul de Pernambuco, na cidade de Palmares. E depois, na fase como funcionário público concursado, desde 1987 como professor pela UESB de Vitória da Conquista, quando tive oportunidade de concluir o doutorado, pós-doutorado e participar do programa de pós-graduação em Geografia PPGeo.

Como dissemos anteriormente em outras palavras, essa evolução da dialética social da expansão dos povos e nações globalmente, foi impulsionada conjuntamente à expansão comercial e difusão das navegações e das técnicas, que aconteceu de através da modo de produção feudal e do renascimento das artes e ciências; bem como pelo engendramento da rede de colônias na Ásia, África, Américas e Oceania fazendo eclodir a modernidade e, uma vasta e difusa rede de circulação e comunicação, que foi catalisada pela primeira revolução industrial que se espalhou por grande parte do hemisfério norte, polarizada e centralizada inicialmente pela Inglaterra; se espalhando pelo continente europeu. América do Norte e Ásia.

Todo esse contexto geográfico planetário engendrou a expansão do comércio internacional nos séculos XVI, XVII, XVIII gerando um extraordinário aumento de riqueza para a burguesia. Isso faz parte da acumulação primitiva de riquezas e territórios para a aristocracia e burguesia. A medida que as navegações marítimas provavam a redondeza da terra, a superfície oceânica serviu como o audacioso espaço de aventuras e tramas para conquistar o Novo Mundo gerando toda uma rede de colônias e companhias de navegação, como as famosas



companhias da Índias Orientais e Ocidentais, período precursor das multinacionais; e da formação do Estados-nações modernos e da era dos imperialismos dos séculos XIX e XX. Muitas guerras e revoluções sociais se sucederam, e o mundo colonial se tornou um espaço de apropriação violenta e desenfreadas de territórios e recursos, transformados pela égide do trabalho escravo e posteriormente o trabalho assalariado. Contudo a precarização do trabalho permanece até os dias atuais. Diversas crises aconteceram no engendramento e desenvolvimento do modo de produção capitalista em escala mundial/global.

Permitindo a acumulação de capitais financiadores do progresso técnico e a instalação das agroindústrias. Com isso gerou o enriquecimento e fortalecimento da burguesia europeia, que reinvestiu gerando as várias revoluções industriais expandindo o modo de ser burguês para todo o mundo, dominando todos os mercados tornando-se classe hegemônica. Em termos de estrutura socioeconômica, fez-se a separação definitiva entre o capital, representado pelos donos dos meios de produção, e o trabalho, representado pelos assalariados. Mas nos territórios coloniais engendrou uma grande massa de escravos e consequentes diversas revoluções pela libertação. Os territórios quilombolas no Brasil, por exemplo, é uma herança desse processo.

O advento do Estado-nação na modernidade e contemporaneidade, concomitantemente à fase atual do desenvolvimento do capitalismo (imperialismo e sua globalização), tem recolocado a questão nacional e a geografia do Estado, e as explicações do desenvolvimento geográfico desigual e combinado como problemas centrais do planejamento territorial e desenvolvimento social⁵ (local-municipal-regional-nacional).

Nesse sentido o entendimento do espaço geográfico como um constructo/processo/produção pelo trabalho social acumulado, e como um postulado epistemológico fundamental cujo ponto de partida ontológico é o modo de ser e de se reproduzir socialmente (MARX, 1979: p. 6)⁶, ou seja o modo como o ser social se organiza e se reproduz;

⁵ Ver a contribuição de Sylvio Bandeira de Mello e Manoel Correia de Andrade, e inúmeras produções das instituições ligadas ao planejamento do Estado, principalmente pós advento da SUDENE.

⁶ “Minha concepção do desenvolvimento da formação econômico-social como processo histórico-natural exclui, mais do que qualquer outra, a responsabilidade do indivíduo por relações, das quais ele continua sendo, **socialmente criatura** (grifo nosso), por mais que, subjetivamente, se julgue acima delas” (MARX, 1979: p. 6). Prefácio à primeira edição, 1859. Nesse sentido, “a concepção de teoria e de categoria é ontológica”; considerando a ontologia “como teoria do ser”... “na obra de Aristóteles a discussão sobre a teoria do ser estava na parte: além da física, estava na Metafísica; a Ontologia é aquilo que a Filosofia Clássica chama de metafísica”; contudo ao considerar não dogmaticamente a interpretação da obra de Marx, reafirma que; “ontologia é a teoria do ser”, já que “Lukács recuperou a palavra dizendo que em Marx temos a ontologia do ser social”. Portanto, “Marx tem uma preocupação ontológica; que os enunciados se referem ao ser, ao modo de ser; na ontologia o ser social é: o estudo do modo de ser e reproduzir-se do ser social. Assim como disse Marx diferentemente de Kant; se preocupou em “conhecer algo preciso determinado”... “em Marx há uma epistemologia, uma teoria do ser, uma teoria do conhecimento”, contudo nele “não é a epistemologia que subordina a ontologia, e sim o contrário” ... “mais-valia não é uma categoria intelectualiva – [criada na cabeça] - ela é o modo de ser da realização do capital em face do trabalho” [...] enfim; na leitura do capital “não está ali o que Marx pensa sobre o capitalismo [...] o que está ali não



nos leva a desvendar o processo produtivo ligado ao modo de produção capitalista engenhado pela “célula econômica da sociedade burguesa” como “ a forma mercadoria, que reveste o produto do trabalho, ou a forma valor assumida pela mercadoria” (idem, p. 4).

Portanto, a “imensa acumulação de mercadorias” conexa a “imensa acumulação de riquezas” (MARX, id. p. 41) é fruto da imensa acumulação permanente do trabalho como um processo social-econômico-cultural, seja como sobrevivência à margem do processo de globalização excludente, seja como parte da rede planetária de apropriação dos territórios, condicionante dos povos, nações, Estados, em quaisquer estruturas produtivas que de uma forma ou de outra tem conexão com o mercado. Essencial questão que só pode ser melhor compreendida considerando-se as correlações e a noção de “reduzibilidade” (SANTOS, 1985, p. 17-8), e interconexão entre as categorias temáticas deste artigo. Cujas categorias “formação social”, bem esclarece sobre os nexos entre o modo de produção e o modo de vida, regionalizado e/ou particularizado, para assim podermos elucidar o processo histórico gerador das diferentes configurações do espaço como território e, das desigualdades econômicas e sociais num determinado País, até mesmo num continente, ou num bloco econômico, como conjunto de vários Estados-nações.

Mas é no Estado nacional (Estado-nação) tomado como categoria e método, que poderemos compreender a lógica estrutural e dialética de Milton Santos, associando as outras categorias tal qual a de formação econômico-social, que ele como disse, modificou para formação espacial. Pois está associada ao espaço e ao território; a sua formação num determinado país; o qual tem um papel relevante para ser compreender o que é uma nação⁷. Assim, podemos observar sobre o movimento de transformação dessa sociedade, procurando estabelecer as leis do espaço e do território, e a lógica de reprodução do capital numa dada situação geográfica. Daí porque a noção de produção do espaço associada ao valor das vantagens da situação geográfica, está conexa a esta temática (SANTIAGO, 2005, 2013, 2014, 2016). Pois uma dada situação geográfica de certa forma está contida numa dada formação espacial. Além do que, para ser melhor compreendida essa formação, depende também de qual escala estamos a considerar a representação de uma dada situação geográfica: seja na escala individual/cidadão, local, municipal, estadual, regional, nacional, continental, mundial/global.

são as ideias, as concepções que Marx têm sobre o capitalismo; está ali a exposição do movimento do capital; está ali a reprodução teórica do movimento do capital” (NETO, 2016).

⁷ Milton Santos fala sobre a condição do negro no Brasil. Nesse sentido também nos fala sobre a questão da construção e necessidade de ser um cidadão integral no Brasil.

<https://www.youtube.com/watch?v=bvEgzA6SACA&t=427s> . Acesso 10/10/2021.



O neocolonialismo decorrente da submissão de grandes potências territoriais como o Brasil e sua história nacional, e todo o efeito decorrente ligado a exploração do trabalho social e a precarização do modo de vida; ademais todas as problemáticas transformadas em múltiplas temáticas, tem inspirado o desenvolvimento disciplina Formação Territorial e Regionalização do Brasil no curso de geografia da UESB. A dimensão geopolítica e da segurança nacional em nexos ao controle geopolítico global, tem suscitado o aprofundado os nexos dessas categorias, as quais buscamos conceituar no nosso trabalho acadêmico e de produção do conhecimento das ciências humanas e ambientais.

Portanto, na base dessa fundamentação reside minha leitura, pesquisa e estudos da obra de Milton Santos tendo como provocação inicial a aplicação sobre a questão nacional e o paradigma ratzeliano no contexto da República Velha (tese de doutorado), quando paralelamente construí uma visão ampla do que compreendi como espaço geográfico e território, associado a categoria de formação social do território brasileiro como pano de fundo para alicerçar uma conceituação mais ampla sobre o “Espaço Geográfico e a Geografia do Estado” (SANTIAGO, 2013).

Sabemos que essas noções, também tidas como categorias e conceitos, começaram a ser difundidas na geografia brasileira no contexto de renovação do pensamento geográfico, que mais intensamente eclodiu nos anos 70 dos XX, mais propriamente na segunda metade dessa década. Momento em que várias vitórias contra o A.I. 5 se revestiram na produção de um pensamento que desmistificasse as relações sociais de produção, atreladas a uma determinada formação econômico e social, no caso a nordestina e brasileira.

Assim, obras como as de Milton Santos foram relevantes no engendramento de vários nexos entre outras categorias de análise associadas a formação social, por assim referenciar; correlacionando com a categoria de modo de produção e seus efeitos na vida cotidiana, ou seja, no modo de vida da população que está contida no recorte da temática objetivada, noção esta essencial para explicar as especificidades do local e na correlação maior com a ideia de totalidade viva e complexa. Na perspectiva nacional, do Estado-nação, e na escala continental, mundial e global.

Dessa forma, é nas exemplificações das paisagens do cotidiano cujo movimento social se reveste em metabolismo social, que podemos entender os processos de produção do espaço que reproduzem o status quo, dominante/hegemônico, ligados a reificação, fetichização, alienação, “pseudoconcreticidade” (KOSIK, 1976) ou à transformação da realidade pelas práxis sociais consequentes, como o intuito de gerar boas partes para todas as famílias. Isto é a luta social e de classes para gerar uma melhor qualidade de vida e de relações de trabalho.



Nesse sentido, na leitura inicial de QUAINI (1979, p. 7), onde cita Marx: considerando-se uma “formação econômica superior da sociedade, a propriedade privada do globo terrestre, por parte de alguns indivíduos, parecerá tão absurda como a propriedade privada de um homem, por parte de outro homem”. As sociedades como um todo seja como nação em qualquer época “são somente seus possesores, seus usufrutuários e têm o dever de deixá-la melhorada como boni patres famílias. Às gerações sucessivas”.

Ou seja, compreendemos o método como momento de apreensão do movimento dialético da sociedade e de todo o processo histórico e territorial da humanidade e de todos os povos. Assim, como Milton Santos nos ensinou de diversas formas na construção de seu pensamento geográfico de grande envergadura e prospectiva; “da totalidade ao lugar” (2005), “da crítica da geografia a uma geografia crítica” (1979), da “natureza da geografia” (1996) como uma visão mais ampla e prospectiva do espaço, território e territorialidade, e sobretudo como uma ideia mais genial que considero no capítulo 11 “por uma geografia das redes”, do livro “a natureza do espaço” cujo significado e sentido tenho aplicado tais noções citadas, de forma mais ampla e profunda; enquanto construção e conceituação acerca do que seja totalidade, espaço e território e cidadania plena (SANTIAGO, 1993, 2004, 2005, 2013, 2014, 2016).

Assim, situo meu aporte teórico associado a construção de novas metodologias de ensino e produção do conhecimento, nos diversos momentos de minhas práticas como trabalhador e professor nos períodos referidos, mostrando nas diversas publicações citadas como produzi tais nexos, como parte de minha produção científica e acadêmica, e como tenho orientado os discentes e, dessas formas, como tenho apreendido e compreendido tais noções nas múltiplas interações na minha vida, no trabalho e na totalidade de minhas relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Questão do Território no Brasil**. São Paulo. Ipespe/HUCITEC. 1995.
- CARDOSO, Edvagno J. B. **Sociedade, natureza e espaço: a questão ambiental do rio São João na cidade de Caetité-BA**. Dissertação (mestrado). Universidade estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de pós-Graduação em Geografia PPGeo. 2018.
- FIGUEIREDO, Dhione A. **Desenvolvimento territorial e a atuação da COFASPI no território de identidade Piemonte da Diamantina-BA**. Dissertação (mestrado). Universidade estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de pós-Graduação em Geografia PPGeo. 2020.
- GUERRA, Antônio T. e CUNHA, Sandra B. da. (Orgs.) **Impactos Ambientais Urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.
- LA BLACHE, Vidal de. **Princípios de geografia Humana**. 2ª. Edição. Lisboa. Edições Cosmos. 1954. Publicado originalmente postumamente em 1921 em Paris.



- NETO, João Paulo. **Introdução ao Método de Marx (segunda parte)** – PPGPS/SER/UnB, 19/04/2016. <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI&t=0s>. Acesso em 11/11/2021.
- NETO, João Paulo. “Ontologia, Metafísica e Epistemologia”. In: Trecho entre 3 h 05 min e 00 s e 3 h 09 min e 38 s de **Introdução ao Método de Marx** - PPGPS/SER/UnB (segunda parte), abril de 2016. https://www.youtube.com/watch?v=C_2wneKw328&t=163s. Acesso em 11/12/2021.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política. Livro primeiro o processo de produção de capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [1979?]. v. 1.
- MORAES, Antônio C. R. **Território e História do Brasil** 2 ed. São Paulo. Annablume. 2005.
- QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SANTIAGO, João P. **Fazer Geografia**. Con(s)ciência: Revista Cultural, Técnica e Científica, Vitória da Conquista: UESB, n. 4, p. 113-121, 1993.
- SANTIAGO, João P. **Vitória da Conquista e a questão urbana: cidadania, meio-ambiente e gestão**. In: EBG – ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA, 7., 2004, Jacobina, Bahia. Anais... Jacobina, Bahia, 2004. CD-ROM.
- SANTIAGO, João P. **A questão nacional na Geografia ratzeliana e sua assimilação no pensamento social na República Velha**. 2005. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – USP, São Paulo, 2005.
- SANTIAGO, João P. **Espaço geográfico e Geografia do Estado em Friedrich Ratzel**. Vitória da conquista: Edições UESB, 2013.
- SANTIAGO, João P. A valorização estratégica do território na acepção ratzeliana. In. **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: racionalidades e práticas em múltiplas escalas**. (1º CONGEO). Silva, Augusto César Pinheiro da. (org.). Porto Alegre: Editora Letral; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014. Disponível em:<editoraletal.com.br/anais-congeo/arquivos/978-85-63800-17-6-p159-170.pdf>. Acesso em Junho de 2019.
- SANTIAGO, João P. **O Espaço Geográfico como Totalidade Viva e Complexa em Reclus**. In : Terra Brasilis. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica. 2016 - <https://terrabrasilis.revues.org/1877> (pdf).
- SANTIAGO, João P. Consciência do espaço: geografia, sociedade e educação. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**. V. 1, nº 2, 2021, pp. 11-37, ISSN: 2527-2349. <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteiriça/article/view/2206>. Acesso 12 de Set. 2021.
- SANTOS, Milton. *Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método*. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 54, jun. 1977. Publicado inicialmente em **Antipode**, nº 1, vol. 9, jan./fev. 1977.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia uma Geografia crítica**. São Paulo: HUCITEC. 1978.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel. 1985.
- SANTOS, Milton. *Palestra realizada pela Faculdade de Serviço Social - UERJ na Capela Ecumênica – 1995*. O vídeo original pertence a Videoteca do Centro de Tecnologia Educacional - Campos Maracanã. <https://www.youtube.com/watch?v=A5-JOTyK-ds&t=4637s> . Acesso em 14/10/2021
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo. HUCITEC. 1996.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- SANTOS, Roberto S. “Radovan Richta e a Revolução Científico-Técnica: 50 anos de um clássico esquecido e necessário”, *Espaço e Economia [Online]*, 13 | 2018, posto em 14/11/2018; acesso em 12/11/2021. [URL:http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3722](http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3722); DOI:<https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.3722>.